
A Substituta: Uma radionovela livremente inspirada em “A Usurpadora”¹

Carla BALDUTTI²
Gilze BARA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este trabalho visa mostrar a atuação dos alunos na área de radiodrama, praticamente extinto da programação das emissoras de rádio, mas considerado como uma nova demanda a partir do crescimento da utilização da *internet*. O aumento de peças de áudio mostra que há demanda e público para este conteúdo, o que motivou os alunos da disciplina de Dramatização em Rádio a criarem a radionovela “A Substituta”. Com isso, na defesa da radiodramatização, ela foi elaborada na tentativa ousada de recriar grandes sucessos de audiência do rádio, tendo como referência a considerada “Era de ouro do rádio”, período com edição diária das radionovelas. Este trabalho é o relato da experiência realizada com os alunos da Faculdade de Jornalismo da UFJF, que fizeram toda a parte prática nos laboratórios da Rádio Universitária, que atua em caráter experimental e propicia treinamento aos discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Radialismo, Radionovela, Dramatização, Radiodrama, Produto radiofônico.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo justificar a presença de produto radiofônico dramático no mercado, como algo viável que é pouco explorado, apesar de ter demanda e ser bem-aceito pela população por uma série de fatores, inclusive históricos.

Brandão (2002) enfatiza a necessidade de defender a radiodramatização a partir de iniciativas experimentais nas faculdades, daí o interesse do grupo em produzir a radionovela “A Substituta”. A autora considera relevante investir em conteúdo de qualidade voltado para a programação das rádios, pois percebe-se essa preocupação no histórico da dramatização, conforme ela diz:

1 Trabalho apresentado na IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

2 Aluno líder do grupo e estudante 8º. Semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e-mail: carlabaldutti@gmail.com.

3 Orientadora do trabalho: Professora do Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e-mail: gilze.bara@gmail.com

O teatro radiofônico foi estabelecido na Inglaterra, em 1924, com as primeiras transmissões de radiodramas que se sucederam também na França e em outros países. Outro fato de que se tem notícia é de que o primeiro texto didático de Brecht foi escrito para o rádio: “O vôo sobre o oceano” material destinado a ser usado pela rádio para modificar sua programação. Brecht escreveu *Propostas ao Diretor de Rádio*, texto publicado em 1927, onde propõe a democratização do rádio, aconselhando a transmissão de obras exclusivamente destinadas a esse tipo de expressão. Defende o uso “romance radiofônico”, uma linguagem nova, surpreendente, rigorosa e capaz de um extraordinário vigor narrativo, dizia ele (BRANDÃO, 2002, p.1).

Na época áurea do rádio, este tipo de produto era o mais valorizado por estar presente nos lares e ser utilizável, inclusive, enquanto as pessoas executavam outras funções, dada a mobilidade permitida pelo veículo. Isso tornou o rádio popular e acessível:

Em meados da década de 30, o aparelho de rádio tornava-se um bem de consumo popular na sociedade americana. Em 1934, 90% das famílias já possuíam seu aparelho. No início tratava-se de dramas com curta duração 15 minutos, apresentados, diariamente, no horário diurno (BRANDÃO, 2002, p.1).

Segundo Brandão (2002), a radionovela, veiculada em capítulos, seria uma invenção cubana pela proximidade geográfica com Miami, que tinha interesse em exportar suas técnicas, o que favoreceu o desenvolvimento de Cuba nessa área radiofônica.

No Brasil, na década de 30, já havia adaptações e experimentações, como salienta (BRANDÃO, 2002):

O primeiro momento do gênero no rádio foi marcado pelo formato *sketch*. Vinha do teatro de variedades e identificava-se pela curta duração e pelo humor. Eram famosas as “cortinas cômicas” explorando o novo meio eletrônico ou a produção de cenas cômicas utilizando-se um mesmo humorista para interpretar diferentes “personagens” ou diferentes vozes filão retomado mais tarde, por Nhô Totico, em São Paulo ou Silvino Neto, no Rio de Janeiro. O rádio abria espaço também para nomes consagrados do teatro. Em São Paulo, por exemplo, há notícias em torno da presença de Raul Roulien, o primeiro brasileiro a atuar no cinema em Hollywood, nas emissões da Rádio Educadora, bem como a participação de Procópio Ferreira no mesmo canal. No Rio, a Companhia de Jaime Costa, nome famoso da comédia brasileira, tem presenças esporádicas no rádio (BRANDÃO, 2002, p.2).

As radionovelas deram origem, posteriormente, ao gênero dramático na TV, que ainda se mantém no Brasil:

Em 1941 o rádio brasileiro ganharia um dos mais atraentes derivados do radioteatro, ou seja, a história seriada formato introduzido pelo dramaturgo Oduvaldo Vianna que escreveu a primeira radionovela genuinamente brasileira “Fatalidade”. No Rio de Janeiro, a Rádio Nacional já veiculava “Em busca da Felicidade”, do argentino Leandro Blanco. As novelas atravessariam toda a década de 40 e também a metade dos 50 como gênero de maior sucesso no rádio brasileiro enquanto os radioteatros entravam numa fase de declínio (BRANDÃO, 2002, p.2).

Diante de tanta popularidade e importância deste formato no cenário brasileiro, neste estudo interessa-se em buscar as razões da quase completa extinção desse gênero nas rádios e propor a valorização do mesmo, no novo cenário da *internet*, com inúmeras possibilidades de divulgação e acesso, no qual o público busca conteúdos de seu interesse.

Temos assim, uma tentativa de resgate da dramatização em áudio, apreciada por décadas no país, “quando a música era utilizada para criar uma atmosfera ou provocar no ouvinte determinada emoção, desenhar o caráter de uma personagem e até mesmo expressar estados de ânimo” (BRANDÃO, 2002, p.2) e não compor totalmente a grade de programação das rádios, como acontece atualmente.

Declínio do radiodrama no Brasil

Em suas pesquisas, Brandão (2002) revela que o gênero dramático foi, praticamente, extinto no Brasil por questões econômicas, já que a produção tem alto custo, e por interesses políticos. O declínio foi marcado pela evasão de atores e demais profissionais para a TV, o que transformou o gênero em telenovela e, praticamente, eliminou esse conteúdo das rádios. A autora ressalta a tentativa persistente de alguns veículos radiofônicos que mantêm, em sua grade, peças dramáticas.

Brandão (2002) destaca que o drama se mantém nas rádios, de modo ampliado, apenas em publicidades, que reconhecem o valor do apelo dramático para vender

melhor o que é anunciado. Segundo ela,

[...] o *marketing* não esqueceu o jogo persuasivo desse formato junto ao ouvinte. A esperteza une-se à criatividade dos publicitários que retomam os princípios básicos do rádio dramatizado garantem que a radiodramatização quebra a monotonia do discurso narrativo e movimenta a imaginação do receptor (BRANDÃO, 2002, p.3).

A autora ressalta que na programação diária dos veículos de rádio, o investimento em peças com dramatização de qualidade é baixo, com toques de humor em programas de qualidade questionável. Brandão (2002), ainda, salienta a presença de crônicas policiais interpretadas nas rádios AM's e de formatos que utilizam a dramatização para envolver o ouvinte e garantir sua participação, o que demonstra assim como no caso da publicidade, que esse gênero atinge e influi na audiência por atrair o público.

O corte de gastos das rádios no período de transição para a *internet* desmotivou o investimento em peças dramáticas, porém com as novas tecnologias e facilidades de edição, um novo formato digital se tornou acessível e vem crescendo através de *podcasts*.

Peças editadas de modo caseiro, devido ao grande número de programas editores de áudio acessíveis, podem ser produzidas e divulgadas de modo virtual, inclusive em *sites* específicos. Nesse novo cenário, o gênero se mostra novamente atraente para o público que sempre o valorizou, o que o torna viável economicamente para ser retomado.

A importância do gênero dramático

O gênero dramático não desapareceu por completo por ter sua importância junto ao público. Ele “Alcança bons níveis quando oferece “imagens auditivas”, sugere situações e cenas com efeitos sonoros, estimulando situações quase palpáveis. A mensagem se humaniza e o público se sente mais tocado com a cena dramática” (BRANDÃO, 2002, p.3).

Com relação à cultura do país, “desconsiderar a novela de rádio, é desconsiderar 30 anos de audiência maciça, com interferência na vida das pessoas, nos seus

costumes e gostos” (CARMO, 2007, p. 9), por isso deve-se considerar que, hoje, a telenovela continua a mover a opinião pública e, acredita-se que o mesmo ocorria com as radionovelas.

A dramatização pode ser encarada, ainda, como inerente à linguagem radiofônica, justamente pelo apelo às emoções, característico do veículo, que não tem as imagens como um auxílio. Diante da inegável importância dos produtos gerados com dramatização, é possível perceber que “os programas dramatizados são considerados os mais atrativos em virtude de sua estrutura dinâmica de comunicação. (FERNANDES; BRANDÃO, 2014, p.9).

Nota-se a partir disso, que o gênero tem ainda força para conquistar públicos que não tiveram contato com a era do rádio, na qual o drama era popular de acordo com Fernandes e Brandão (2014), que associam o resgate do gênero sempre em alusão a essa época de sucesso.

Fernandes e Brandão (2014) reconhecem a demanda e a possibilidade de rememoração e afirmam que algumas emissoras produziram radionovelas e radioteatro a partir do ano 2000 de forma esporádica. Os autores acreditam e apoiam a ideia pois “grande parte dos ouvintes hoje sequer sabe que essa prática existiu e que foi muito popular nos anos áureos do rádio”(FERNANDES; BRANDÃO, 2014, p. 12).

Produção acadêmica de peças dramáticas

Apesar das oscilações de mercado, pesquisadores em faculdades de Comunicação investem na capacitação dos alunos e na valorização do produto radiofônico de qualidade.

A radionovela “A Substituta” aqui apresentada, é um produto da disciplina “Dramatização em Rádio”, mantida no curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação, como disciplina opcional numa aposta no radiodrama, pelos profissionais da área. Ele descende de produções anteriores como o “Besame Mucho”, que segundo Brandão (2002):

[...] foi veiculado na rádio Universitária da UFJF após a criação da “Oficina de Roteiro e Radiodramatização” para se fazer uma tentativa de retomada do gênero dramático no meio universitário a partir de produções de radioteatro gravadas

para serem veiculadas na Rádio Universitária. Em 1998, quando a oficina foi instalada como Projeto de Iniciação Artística da Gestão Cultural da Universidade Federal de Juiz de Fora, contou com a participação de cinco bolsistas que desenvolveram o radiodrama “Histórias que o rádio conta” título inspirado em crônicas publicadas pela Revista do Rádio (BRANDÃO, 2002, p.3).

Com o objetivo de manter e divulgar o gênero, surgiu a necessidade de criar e veicular a radionovela “A Substituta”, pois de acordo com a autora, o drama garante uma boa receptividade de público no meio acadêmico, inclusive em exibições ao vivo, pela Rádio Universitária.

Na tentativa de manter e atualizar o formato, a radionovela “A Substituta” traz novidades ao se adequar ao novo público – o da *internet*, e aos novos dispositivos eletrônicos de divulgação dos produtos de áudio: celulares, *tablets* e *smartphones*. Público este que acompanha, por exemplo, os *lives* da Super Rádio Tupi AM do Rio que faz dramatizações no programa “Patrulha da Cidade” com efeitos ao vivo, lembrando a “Era de ouro do Rádio” e mostrando que o público ainda tem interesse, na atualidade, pelo gênero dramático no rádio, com humor e com notícia. O número de visualizações nos vídeos desse programa comprova a aceitação, e a utilização das redes sociais, confirma que o público da *internet* consome o gênero.

A proposta de uma radionovela na Rádio Universitária da UFJF

O objetivo da disciplina Dramatização em Rádio, na faculdade de Comunicação da UFJF era que a turma dividida em dois grupos criasse vários produtos radiofônicos com dramatização e efeitos, sendo avaliação final a produção de uma radionovela, com 5 capítulos ou mais, de no máximo 10 minutos.

Os principais objetivos foram proporcionar aos estudantes o conhecimento das técnicas dialógicas radiofônicas, da importância persuasiva da narrativa dramatizada, retomando o papel da dramatização e sua inserção na programação radiofônica, além do estudo e da prática das técnicas de roteiros para o rádio e efeitos sonoros.

A audiodramatização desenvolvida vem suprir uma demanda por conteúdos mais elaborados que aqueles, hoje, apresentados nas rádios. Com isso, visa estimular o desenvolvimento e aprimoramento da pesquisa experimental da área radiofônica,

ainda, com a intenção de fomentar a troca de experiências com outros profissionais da área, sobre o conteúdo que é produzido nas Instituições de Ensino Superior, nos laboratórios de Comunicação.

Além disso, procura incentivar novas produções experimentais, que sejam desenvolvidas na área de radiodrama e mostrar que existem profissionais engajados e propensos a atuarem no ramo do radialismo, com produtos radiofônicos diferenciados, que atendam à nova demanda da *internet* usada pelos celulares.

Por ser uma mídia popular e acessível a todos, o rádio se mostra ainda mais viável ao ser incorporado ao novo veículo - a *internet*, ao considerar que ele foi a base comunicacional para os meios que o sucederam, assim, carrega bagagem e conhecimentos próprios e se mostra facilmente adaptável com a propagação de *podcasts* que atendem a nichos específicos, por interesse.

Com isso, a dramatização se mostra relevante para o público que a consome e aprecia, haja vista que o conteúdo é acessível tanto nas rádios convencionais quanto nos outros meios de difusão de áudio devido à mobilidade que o áudio permite, como nenhuma outra linguagem. Assim, essa mídia se mostra em destaque na atualidade ao ser incorporada em novas tecnologias e aplicativos.

O produto gerado em linguagem radiofônica é pouco explorado nas rádios locais, mas se mostra atual e relevante num cenário de consumidores diversos, que podem escolher quando, onde e como ouvir seus programas preferidos.

Consideradas a disponibilidade e facilidade, optou-se por uma radionovela curta no tempo de cada episódio, e em poucos capítulos, para atender à demanda da sociedade que consome na *internet*, através de dispositivos eletrônicos e por ser a linguagem radiofônica mais rápida, clara e direta.

Buscou-se fazer algo inovador, que atendesse às novas demandas, com a qualidade exigida pelo público-alvo e enfatizar aspectos relevantes da cultura dos envolvidos no tema.

Os episódios são produções experimentais de ficção, em formatos de audiodrama, que atendam uma nova demanda no radialismo atual, voltada para o público da *internet*. É uma aposta em mobilidade, sem perda da qualidade, uso da linguagem do

rádio, com os requisitos que atendam aos anseios de um novo público.

A radionovela foi desenvolvida a partir da elaboração prévia de um roteiro

semanal. A turma foi dividida em dois grupos, dentro de cada um duplas eram escolhidas para a elaboração dos roteiros semanais. Cada episódio foi redigido e editado pelos grupos de alunos. No dia da aula de Dramatização em rádio, os alunos se reuniam antes do horário da aula para imprimir os textos, selecionar as falas de seus personagens e ensaiar um pouco antes das gravações. Quando a aula se iniciava, a professora encaminhava os alunos até um laboratório de rádio da Faculdade de Comunicação, onde as falas eram gravadas, divididas em algumas etapas. Assim, foi possível regravar quando ocorriam erros nas falas, além de fazer edições posteriores.

Na etapa de edição, os próprios alunos utilizavam programas para editar seus episódios. A mesma dupla que elaborou o roteiro do episódio, também, o editava. Foram utilizados programas como *Audacity*, *Sony Vegas*, dentre outros. Efeitos sonoros foram produzidos artesanalmente quando não estavam disponíveis na *internet* nem nos arquivos do laboratório. Foi nessa etapa que entraram as trilhas sonoras, os créditos, além da abertura dos capítulos, tudo previamente definido e escolhido durante a elaboração da sinopse, em sala de aula, pelas duplas responsáveis. O programa *MP3GAIN* foi utilizado para igualar os volumes das gravações finais.

O enredo e a construção da radionovela

“A Substituta” é uma radionovela, produto em formato radiofônico desenvolvido no âmbito da disciplina Dramatização em Rádio, ministrada pela professora Gilze Bara no primeiro semestre de 2017. Foram produzidos 8 capítulos com roteiro realizado em conjunto por 1 grupo na turma. Houve uma subdivisão em duplas para a idealização dos episódios que estão disponíveis em: <<https://soundcloud.com/carla-baldutti/sets/radionovela-a-substituta>>.

Cada semana uma dupla fazia o roteiro e juntos escolhiam os efeitos e, em reunião, as trilhas foram escolhidas pelos integrantes, já a sonoplastia foi feita durante a gravação e também depois, na edição. Durante 4 semanas foram realizadas as gravações, com interpretação dos próprios alunos da disciplina, no estúdio de rádio da Faculdade de Comunicação.

Durante o curso, um roteiro padrão foi disponibilizado, aulas teóricas abordaram temas ligados ao roteiro, criação de personagens, bem como a interpretação e a adaptação que embasaram a criação das peças radiofônicas. Durante o curso os

alunos treinaram dramatização em esquetes, peças publicitária, seriados e radionovelas.

A radionovela foi escolhida como avaliação de maior nota, com mais elementos e grau de exigência. A escolha pelo enredo de “A Usurpadora” se deve pelo sucesso da trama que completa 20 anos e ainda é exibida sazonalmente no Brasil, pelo SBT . A história é envolvente e permite adaptação para o áudio, sem prejuízo do entendimento da história por ser simples.

A trama que inspira “A Substituta” tem o seguinte enredo: Duas mulheres idênticas na aparência e distintas em sentimentos e personalidade, encontraram-se casualmente e participam de um terrível engano. Paula Martins é uma mulher pobre e humilde de Cancún que tem duas filhas gêmeas, Paola e Paulina, porém, devido à situação lastimável de miséria em que vive, abandona Paola, que no futuro é adotada pela família rica, Montaner. Já Paulina cresce em presença da mãe, enfrenta grandes dificuldades na vida devido à pobreza em que vivem e torna-se uma moça humilde e de bom caráter, que namora o ambicioso Osvaldo. Paulina reveza o seu tempo para cuidar da mãe enferma, que está prestes a morrer devido a uma doença grave.

Enquanto isso, sua irmã gêmea, Paola, viveu de maneira oposta, cuja prioridade é a riqueza acima de tudo e de todos e tornou-se uma mulher ambiciosa, dissimulada, fria e calculista. Paola é casada com Carlos Daniel Bracho, com quem casou por paixão, porém com o tempo tornou-se infiel, um milionário quase falido que está em seu segundo casamento e possui dois filhos: a esperta e encantadora Lizete e o rebelde e problemático Carlinhos. Ardilosa, Paola também mantém um caso extraconjugal com o cunhado, o inescrupuloso Willy, casado com a atormentada e fanática Estephanie Bracho, uma mulher amargurada e ressentida com a vida, que veste-se de forma horrível, que alcooliza a sua sogra, Vovó Piedade Bracho, além disso, ela mal educou os seus enteados. O destino, no entanto, coloca essas duas irmãs frente a frente e Paulina tem sua vida totalmente modificada por Paola.

Paola frustrada e cansada de viver com sua família, da qual detesta todos os membros, resolve viajar para se divertir com um de seus amantes, Luciano Alcântara, e nessa viagem encontra Paulina em um *toalete* de senhoras. Ela vê na jovem uma oportunidade perfeita de se ver livre de sua família, então planeja uma usurpação - ela propõe a Paulina que se passe por ela durante um ano na mansão da família de seu esposo. Para obrigar a moça a aceitar esse seu diabólico plano, faz uma armadilha para a

mesma, acusando-a de lhe ter roubado uma de suas joias e se ela não aceitasse de se passar por ela, a colocaria atrás das grades definitivamente.

Paulina sem alternativa, abandonada pelo então namorado Osvaldo, com a mãe já sem vida e com medo de ir para a prisão, aceita se passar por Paola e, durante a estada de Paulina na mansão da família Bracho, ela aprende a ser como Paola, tornando-se uma mulher fina e elegante. Sem ser reconhecida por sua aparência completamente idêntica à de Paola Bracho, ela se vê entre uma família desestruturada pela mesma e percebe que há pessoas que precisam de sua grande dedicação naquele lar. Paulina, então, começará a mudar a vida da família Bracho, tornando-se um anjo na vida de cada qual que necessite de sua presença e de suas palavras confortadoras. Desse modo, consegue contribuir e modificar positivamente o destino de todos que cruzaram seu caminho, mas não sem antes sofrer e pagar caro por todos os erros cometidos por Paola no passado.

Quando Paulina, finalmente, encontra sua felicidade ao lado de Carlos Daniel e de sua família, Paola volta disposta a lutar pelo seu antigo lugar e usa de uma suposta invalidez para infernizar os Brachos novamente, com isso, uma pequena guerra entre a família Bracho e Paola se inicia, e com a ajuda de Leda e Willy, ela jura destruir os Brachos e sua irmã gêmea Paulina, 'a usurpadora' e para isso tentará de tudo, até provocar sua prisão e acusá-la no julgamento. Assim, faz com que Paulina se afaste da casa dos Brachos e retorna para perturbar toda a família. Paola pede um milhão de dólares para ir embora e planeja, aliada a Willy, incendiar a fábrica Bracho e acabar de vez com a fortuna da família. Contudo, seu plano não deu certo e Paola foi desmascarada pela enfermeira e sofre um terrível acidente, ficando entre a vida e a morte. Só então ela se dá conta de tudo que fez e pede perdão à Paulina, que a perdoa e os Brachos esquecem todo o mal que ela os infringiu e a perdoam, mas ela morre. Leda viaja pra Europa, Sthefani fica louca e Willy é preso. Após se ver livre da cadeia, através da ação de seu advogado, Paulina quase se casa com Edmundo Serrano, mas finalmente ela se decide e casa com Carlos Daniel, trazendo a tão sonhada paz a família Bracho.

O gênero escolhido foi o drama e, em seguida, definiu-se o resumo da ação central da história, considerando que deveria ser mais direta e simples pelo texto radiofônico exigir clareza e o formato somente contar com efeitos sonoros.

Narrador: padrão, Léo Barbosa

Radioatores:

Armando Júnior como Carlos Daniel – alvo da disputa, enganado;

Bruna Ogando como Roberta e Cristiane Turnes como Rebeca - as duas irmãs criadas de modo diferente, uma boa e outra má;

Léo Barbosa como Adolfo Rangel. - parceiro de Rebeca nas armações contra Carlos Daniel por interesse financeiro.

Personagem coadjuvante, operação técnica, sonoplastia, e edições finais: Carla Baldutti.

O tamanho da peça inicialmente foi estabelecido em torno de 10 min, e o público-alvo determinado foi o mesmo que assiste a novelas mexicanas.

O referencial para a produção dos roteiros foi a radionovela “Herança de ódio”, veiculada pela Tupi Difusora, de São Paulo, em 25 capítulos. A escolha homenageou Oduvaldo Viana por ser “um dos mais produtivos autores de radionovelas no Brasil. Oduvaldo escreveu cerca de 123 novelas para o rádio, além dos textos de radioteatro, de esquetes e de peças teatrais” (CARMO, 2007, p.9-10).

Já a referência para áudio e gravação foi o programa “Patrulha da Cidade” da Super Rádio Tupi AM do Rio, programa que mantém dramatizações até hoje. Os radioatores ensaiavam e encenavam como se estivesse sendo transmitido ao vivo.

Em seguida, foi feita a escolha do nome da radionovela através de explicações e votações. Com o voto da maioria, foi escolhido “A substituta”, termo que explica o trato, feito entre as irmãs gêmeas, que trocam de lugar em uma armação.

As gravações iniciaram seguindo um calendário semanal de acordo com as aulas: foram gravados 2 capítulos por aula com ensaio anterior.

Correções e edições foram realizadas em datas posteriores, até a data de entrega, que deveria ser feita com o produto já editado em formato MP3.

A novela fez parte de uma das avaliações da disciplina Dramatização em Rádio, conferindo nota individual e em grupo para todos os participantes.

CONSIDERAÇÕES

O público de rádio não perdeu o interesse por dramatização, foram as situações das emissoras que levaram à diminuição de produções dramáticas por conta de aspectos econômicos e políticos.

O gênero em si, por ser pouco conhecido na geração atual, gera curiosidade, mas são poucas as produções comerciais. Porém, as faculdades de Comunicação ainda investem neste formato de forma didática por acreditar na dramatização, como fonte de emoção, que deve fazer parte da linguagem radiofônica no envolvimento do ouvinte. Estudiosos acreditam na valorização desse tipo de produto, com dramatização, pois além de ser desconhecido de muitos, o público da *internet* se torna um alvo a ser atingido, como mostra a audiência do programa “Patrulha da Cidade” da Super Rádio Tupi AM do Rio, na internet, com grande número de visualizações nos vídeos do Canal no *YouTube*.

Esse meio permite uma produção de custo mais baixo através de programas de computador. Além disso, a difusão do conteúdo através de aplicativos garante a mobilidade e a permanência do rádio ou de difusores de áudio similares, como os *podcasts e lives* em canais do *YouTube*.

Diante da nova demanda e, com a possibilidade de novos dispositivos, a produção radiofônica ganha mais espaço, principalmente por se tratar do tipo seriado, ideal para a vida moderna com suas várias tarefas e permitir aos ouvintes acessarem o conteúdo desejado, quando quiserem e puderem.

A radionovela “A Substituta” foi elaborada na tentativa de recriar a dramatização em rádio, porém adaptada às novas tecnologias e público, e de incentivar outras produções na área, principalmente para o público que não teve acesso ao momento em que essas peças radiofônicas eram veiculadas pelas emissoras diariamente, com grande audiência.

REFERÊNCIAS

CARMO, Laura do. Lendo o rádio. In: CARMO, Laura (org). **Oduvaldo Vianna, Herança de Ódio**. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2007.

FARIA, Maria Cristina Brandão de/ BRANDÃO, Cristina. **Rádio dramatizado, por que não?** In: IX Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste, 2002, Campos /RJ. IX Sipec, 2002.

FERNANDES.G.M; FARIA, Maria Cristina Brandão de/ BRANDÃO, Cristina. **O Passado e o Presente da Dramaturgia Radiofônica no Brasil**. In: Rádio – Leituras: Disponível em: <<http://radioleituras.wordpress.com>>, Ano V, Num 01, Edição Janeiro – Junho 2014.